

Não mais País do Futuro

15 FEV 1993

ESTADO DE SAO PAULO

Há pelo menos uma década o Brasil vem perdendo a aura de País do Futuro, tornada mais visível a partir da convicção de que o surto de desenvolvimento dos anos 60 e 70 criara destino inalterável. A perda da aura espelha-se no último relatório da Organização das Nações Unidas para a Agricultura e Alimentação (FAO), em que se encontram avaliações realistas.

Pelo documento, vê-se que apenas 12% da mão-de-obra da população economicamente ativa está capacitada a conviver com as exigências impostas pela moderna tecnologia. Ou seja, apenas um em cada nove trabalhadores brasileiros consegue operar máquinas que exijam coordenação motora mais fina e um desenvolvimento cognitivo complexo.

A partir desse dado, a FAO concluiu que 70% da população brasileira economicamente ativa está sendo expulsa do processo produtivo, porque o País foi, e continua sendo, incapaz de proporcionar-lhe um nível educacional consistente com a atual produção competitiva, medida em termos internacionais. Segundo a FAO, esse não aproveitamento é quase crônico, uma vez que 30% dos brasileiros adultos simplesmente não trabalham, 22% são subempregados e 18% estão desempregados.

Nesse quadro, alternam-se rendas per capita anuais médias de US\$ 4 mil em um extremo e US\$ 400 no outro, construindo uma das mais negras situações mundiais de distribuição de renda, os 60% mais pobres auferindo apenas 15,1% da renda nacional. Esse quadro estatístico fica ainda mais dramático quando confrontado com a pergunta: com esse perfil educacional da mão-de-obra, a distribuição

de renda poderia ser diferente? Quando 30% dos brasileiros economicamente ativos, menos da metade, estão capacitados para a produção moderna, é apenas *normal* que cada trabalhador sustente quatro pessoas.

É essa reduzida produtividade que dá azo aos indicadores sociais vergonhosos que as comparações internacionais apontam. É óbvio que, quanto mais o Brasil se distanciar de padrões internacionais de capacitação de mão-de-obra, menos produtivo o País será, ou seja, mais pobre, com cada vez mais brasileiros vivendo dos poucos que foram treinados para fabricar o que interessa a alguém comprar num mercado competitivo. Continuar formando (?) apenas 22% dos matriculados no ensino fundamental não é apenas um crime, democraticamente falando; é um erro que reduz as possibilidades de algum dia exorcizarmos a miséria. Quem está interessado nisso? Os senadores da "Era do Fusca" que falam na volta do primário, do ginásio e do preparatório? O ministro das "vagas comunitárias"? A FAO garante que o Brasil "é viável". Com o processo educacional que temos, no entanto, continuaremos na condição de eterna promessa de País do Futuro.

